Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

| Preços de assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte) m. forte.. | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro e India.................. | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1061

20 de Junho de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
*Praça dos Restauradores, 27*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

## Chronica Occidental

Despovoa-se Lisboa dos seus tipos mais pittorescos, e com isto se vae perdendo a feição particular que a cidade tinha, nos bons tempos em que a Sociedade Propaganda de Portugal não implicava com o chapeu do cocheiro de praça, nem com o emborcar dos calhandros p'la janela...

Os barbeiros sangradores viveram aqui desafogadamente, como ainda hoje os que vivem em certas aldeias, onde nem há medico nem botica. Quando a douta sciencia medica declarava, em presença de alguma complicada mazéla, que não havia cura, lá estava o barbeiro sangrador para o ultimo caso. Muitas vezes lhe acontecia, a despeito de toda a sua competencia e de toda a sua solicitude, não conseguir tirar o mal ao padecente desesperado; mas o que elle sempre lhe tirava era, pelo menos, uma canada de sangue e uma cravéla de doze.

Dois oficios de muita utilidade domestica eram ainda aqui exercidos por oficiaes ambulantes, em meados do seculo passado: o rachador e o caldeireiro.

O rachador divagava pelas ruas com o seu machado e com o seu maço ás costas; e tilintando umas cunhas de ferro como se fôssem castanholas, para dar signal de si aos que precisassem d'elle. O caldeireiro trazia tambem ás costas a broca com que andava a furar a vida, e a remendar tachos e caçarolas, desde que deixara de ter arruamento seu, que era a Caldeiraria, onde os havia para o cobre e para o arame.

Dois typos que melhor caracterisavam a anti-

## O Curso de Direito da Universidade de Coimbra de 1873 a 1878

*Debaixo para cima e da esquerda para a direita, correndo no mesmo plano* — Drs. Miguel Justino d'Araujo Alvares — Augusto Cezar Fernandes — Adelino Ferreira Pinheiro Galhardo — Maximiano Pereira da Fonseca Aragão — João José da Silva — Antonio José Gomes Lima — José Augusto de Sampaio — João Maria Cerqueira Machado — José Ignacio Delgado de Carvalho — Miguel Maria de Mendonça Balsemão — Tiberio Augusto Maia Mendes — José Manuel Paes de Faria — Francisco Soares d'Albergaria — Antonio Augusto de Sá Varella — Antonio Augusto Botto Machado — Antonio Emilio d'Almeida Azevedo — Antonio Osorio Sarmento de Figueiredo — Augusto Cesar Raposo — Francisco José de Souza Cintra — Antonio Abilio da Silva Peixoto de Magalhães — Miguel Maria de Souza Horta e Costa — Luiz Gonzaga dos Reis Torgal — José Caetano Rebello — Adriano Costa Vaz Pinto — Joaquim Hilario Pereira Alves — José Lucio da Costa Ribeiro — Augusto Diniz Vieira de Souza — Henrique Ernesto da Costa Santos — Antonio Augusto Cardoso de Mello e Castro — Antonio Augusto de Mendonça David — Francisco Antonio Donas Botto — Carlos Candido de Brito Côrte Real — Leonardo da Cruz Jorge.

*(Cliché da Fotografia Santos, de Coimbra)*

Bibliotecas Municipais de Lisboa

ga vida alfacinha, muito metida em casa e muito supersticiosa, eram a inculcadeira de creadas de servir, e a benzedeira, que Palmeirim pintou com um tão raro poder de grotesco.

Irresponsavel como um rei constitucional, a inculcadeira de capote e lenço inculcava a sua fazenda, mas não se responsabilisava por ella. Quando se metia ao oficio, tinha pelo menos seus cincoenta annos, e fazia da edade augmento e pára-raios de uma responsabilidade que a lei não lhe exigia. Entalada entre dois cruzados novos, comia a dois carrinhos, atendendo por metade d'aquella somma de cão de busca á creada de servir, e pela outra metade de corretora á dona de casa que lhe encomendava o sermão. Typo eminentemente egoista, servindo interesses desencontrados, a inculcadeira ageitava se a considerar a verdade como um arrebique inutil no negocio. A creada que de manhã lhe batia á porta, procurando casa em que servir, tinha horas depois uma laudativa biographia na bocca da inculcadeira, e a sua crassa inutilidade tranformava-se em prestadia aptidão para todos os labores... Ninguem melhor do que ella ajustava e conchegava o lenço da cabeça. Ninguem, tão bem como ella, traçava e decotava o chale de tres pontas, ou retomava no braço a cauda do capote. As arrecadas ostentosas pendiam-lhe das orelhas, e o colo vergava-lhe ao peso da gargantilha de oiro, fruto das suas rapinas. Menos por vicio do que para disfarce nos intrincados apuros da sua nem sempre honesta corretagem, a inculcadeira brincava por habito com a caixa do rapé, e sorvia com estudo uma ou duas pitadas, quando a palavra, brigando-lhe com a consciencia, a obrigava a disfarçar pela mimica o que houvesse de menos verdade nas suas asserções.

As benzedeiras eram tambem, por via de regra, mulheres entradas já pela idade, e de vida em tudo pouco conforme aos preceitos da moral christã. Ao contrario de todas as outras sciencias, que se aprendem nos bancos das escolas, queimando as pestanas e manuseando livros e sebentas, a sciencia das mulheres de virtude era hereditaria, resistia a todas as transformações sociaes, e ria com sardonico despreso de todos os progressos da civilisação, como quem encontrasse em si propria a chave de todos os conhecimentos humanos. Havia-as verdadeiramente crentes na estulticia dos processos de que usavam para arrasar a saude do proximo; mas havia-as principalmente zombeteiras dos crentes na sua pathologia e nos meios therapeuticos que empregavam para debelar enfermidades, taes como as do bucho virado, sol na cabeça, espinhela caida, ar embutido, e outras, que desde Hypocrates andavam fóra de todos os systemas medicos, desconhecidas de todas as escolas onde se ensinava a arte de curar.

Nos felizes tempos em que o saber a quantos de tal ou tal mez caiam as festas moveis, ou apurar com segurança as fases da lua, era quasi a exclusiva curiosidade de nossos avós, o cego das folhinhas e almanachs vivia aqui como o peixe na agua, contente e prospero. A folhinha orientava as mulheres no curso natural da maternidade, avisava as dos dias de jejum, contava-lhes anedotas, e tinha immensa pilheria. Era nas margens das folhinhas de algibeira que as donas de casa previdentes marcavam com cruzinhas vermelhas os anniversarios das pessoas dos seus conhecimentos; era pela folhinha que os peraltas e as sécias sabiam os dias solemnes das procissões de Cinza, do Triumpho e do Corpo de Deus. Era na folhinha de porta que os negociantes apontavam os dias dos vencimentos das letras que traziam na praça, que os capitães dos navios mercantes consultavam as marés, e os desembargadores da Relação refrescavam a memoria para não faltarem com a sentença condemnatoria aos alcunhados de pedreiros livres...

O judeu das tamaras era para Lisboa, não ha muitos annos ainda, o grande judeu, o judeu de rabo, que devia alumiar-se de noite com o candieiro biblico de oito bicos... Embirrava-se de o ver, comquanto elle nenhum mal fizesse. O que elle queria era que a garotada o deixasse andar por ahi á vontade, como já as leis do paiz lh'o tinham consentido. Sem ser um financeiro por excellencia, como tantos outros da sua raça, esse judeu era eximio em regular a alta e a baixa da tamara, entre as diferentes camadas sociaes, em excursões incessantes, ora por um bairro, ora por outro, elle nas praças, elle nos bêcos, elle na estrada, elle nos arraiaes. De reaes se fazem milhões — era a sua divisa. E nessa esperança ia vivendo, coitado, ganhando com muita lida o seu pão, ganhando-o amargamente com a tamara dôce.

O homem da alfeloa e do gergelim era a alegria das creanças, quando atirava aos eccos o grito pregoeiro d'aquellas guloseimas. Todo o segredo da sua prosperidade lhe viera d'ahi. Mal os petizes o ouviam ao longe, logo corriam a pedir ás mães que o chamassem e caiam-lhes depois sobre o taboleiro, como moscas. A alfeloa era a grande competidora dos produtos de confeitaria que já então se tornára uma arte exibida nas vitrinas tentadoras da Rua dos Capelistas e do Chiado, entre madrigaes de ovos e assucar, orvalhos de grangeia e fantasias de papel recortado.

Quem se não lembra ainda dos rapazitos que por ahi andavam vendendo palitos e rocas, e vassouras de cabo cosido? Vinham das Beiras, vinham de Poiares ou de Mangualde, vinham de algures, como ainda hoje vêm os pardaes, que por cá ficam, como elles ficavam, cortando de giro para a direita, para a esquerda, pelos jardins, pelas ruas, pelas praças...

Companheiro d'esses na desdita dos negocios fracos, havia tembem o pequerrucho dos fosforos, com o seu cesto bem cheio de caixas, mas as caixas mal cheias de fosforos. As caixas muito cheias, dizia elle, são perigosas: vae a gente a abril-as e logo ardem todas! E para comodidade do freguez, aligeirava-as quanto podia, e de cada dusia fasia trese. ficavam optimas e rendiam-lhe mais 10 réis. Se pedisse esmola, rotinho, ninguem lhe daria um real; d'aquella fórma, com ares de independencia, ninguem tinha animo de lhe recusar 10 réis, quer fosse pelos fosforos, quer não.

Pobre Orpheon errante, o homem do realejo desappareceu tambem. Só os pequenos da rua o compreendiam e amavam. Emquanto a maior parte da gente passava, sem lhe querer dar importancia, como se não valera nada tocar semelhante instrumento de simples machinismo, que nem requeria inteligência nem arte, olhavam-no as creanças com veneração, como que protestando contra a indiferença publica. Vinha lá do fundo da sua terra, tocando pelas estradas fóra, todo o caminho, ás vezes jantando a Norma e a Somnambula, dormindo ao luar, e partindo outra vez de madrugada para o lado de onde lhe parecesse que rompia o dia e continuava o mundo.

Corria a cidade e tinha os seus sitios conhecidos, com o seu publico de garotio afeiçoado. Em elle começando a tocar, e a fazer girar numa contradança os bonecos do realejo, havia um delirio. Era o paladino com o seu gorro vermelho e pluma branca, polainas e calção de veludo carmezim; era a santinha da viola, com o seu capotinho de peregrina e chapeu de aba direita; era o preto de cara de polimento, mãos de polimento, sapatos de polimento; era o jockey com o seu chicote no ar; era, finalmente, o guarda-portão com o seu sobretudo azul de galões brancos, fazendo cortezias ao desfilar dos pares!

Todas essas pequenas industrias não agremiadas foram desaparecendo pouco a pouco. Coevas d'ellas, raras são já as que ainda restam, e quasi que só por honra da firma teimam em ir vivendo.

O mais resistente de todos, ainda assim, é o gallego.

O gallego teve sempre em Portugal missões providenciaes. Uma d'ellas, hoje em decadencia, era a de corretor lepido e calado de correspondencias amorosas. O chefe de familia que ajustava um gallego para lhe fazer os recados, tinha tambem a certeza de arranjar para as filhas o mais pontual e geitoso dos Mercurios. Outra das suas missões era a de servir nas antigas claques dos theatros, e largar pombos e atirar versos em papeis de côres ás actrizes, das torrinhas, em noites de beneficio. Outra ainda, era a de atormentar, manhã por manhã, acordando-o a toques reiterados de campainha, o devedor embaraçado de algum crédor freguez d'elle.

Mas, antes de mais nada e acima de tudo, o gallego é aguadeiro e faz as mudanças. Dia em que alguma obra na canalisação da agua faça secar os contadores, é um dia de regosijo para elle, com o barril ás costas, do chafariz para a casa d'onde o chamem, e da casa d'onde o chamaram para o chafariz. Lançando aos quatro ventos o seu antigo pregão — A'... ú... — a um mesmo tempo se lhe abrem as gúelas e a alma á saudade dos bons dias em que Lisboa nem sequer suspeitava que podesse vir a existir a Companhia das Aguas!

O fim de semestre é o S. Martinho dos gallegos. Quantas vezes não acontece que a mudança, a pau e corda, dos tarecos de uma familia, chega a custar muito mais que os tarecos valem! Mas se quizermos uma padiola bem arrumada, um espelho de sala que não corra o risco de se fazer em lascas ao passar na Rua do Arsenal, e sobretudo, se tivermos piano a mudar d'algum quarto andar da Rua da Bitesga para o cimo dos Barbadinhos ou das Terras do Monte — não chamemos outro: chamemos o gallego...

João Prudencio.

## Na Universidade de Coimbra

O curso de direito de 1873 a 1878

Reuniram-se em Coimbra, a encantadora cidade do Mondego, para commemorarem o trigessimo anno da sua formatura, os bachareis que se formaram em direito no fim do anno lectivo de 1877 a 1878.

Matricularam-se no primeiro anno d'este curso 142 alumnos no anno lectivo de 1873 a 1874, concluindo a sua formatura, passados cinco annos, 91 d'entre elles. Falleceram depois 27, achando-se actualmente reduzido a 64 o numero dos vivos. Concorreram á commemoração sómente 34. Quasi todos os outros estavam impedidos por doença, ou por differentes motivos igualmente attendiveis, que os inhibiram de comparecer, justificando a sua falta em cartas e telegrammas.

Este curso seguiu as antigas tradições academicas, que actualmente parecem esquecidas, em detrimento da academia. Foi alegre, expansivo e trocista, mas pundonoroso e altivo, cumprindo assiduamente as suas obrigações escolares e não pactuando com arbitrariedades que reputasse incompativeis com os seus brios.

Ainda depois da sua dispersão tem dado exuberantes provas de exemplar confraternidade, deliberando reunir-se periodicamente na cidade inolvidavel, onde todos passaram os melhores dias da sua juventude, para expandir em jubiloso festival os primores d'uma affeição reciproca e inextinguivel.

Muitos d'aquelles que durante cinco annos, ao menos, conviveram na escola e no enredo da vida coimbrã, occupam hoje posição distincta na politica, na diplomacia, na magistratura, na advocacia, nas finanças, no magisterio e na direcção de bancos e companhias; outros são *ricos homens*, proprietarios e capitalistas abastados que não invejam a bemaventurança dos seraphins; outros luctam honradamente pela vida n'este meio descaroavel onde o empenho e a intriga supplantam a virtude e o direito.

Virá um dia em que se faça ouvir a voz da razão e da justiça. Confiemos nos progressos da humanidade.

## Congresso de instrucção primaria

A Liga Nacional de Instrucção

*(Continuado do n.º 1059)*

Foi tal o enthusiasmo dos iniciadores de tão patriotico movimento que em 2 de maio, isto é, menos de quatro meses depois da conferencia da Sociedade de Geographia, realisava-se na Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras a sessão inaugural da *Liga Nacional de Instrucção*.

Esta data fica marcada nos annaes da instrucção nacional, representando um grande esforço de iniciativa e energia de alguns homens, verdadeiros patriotas, que, n'um impulso generoso e digno do maior elogio arrancaram d'uma indifferença condemnavel dezenas e mesmo centenas de caracteres cheios de boas idéas e de vontade de trabalhar em proveito do seu paiz, de ha tempos para cá navegando sem rumo certo, á mercê das conveniencias partidarias, que, como é sabido, do que menos cuidam é das vantagens materiaes e moraes da patria, nome pomposo com que se fazem discursos inflammados e retumbantes para extasiar as multidões impressionistas e sonhadoras, que não vêem a nau prestes a dar á costa.

E' de crer, porém, que mão firme e rapido golpe de vista consigam evitar a catastrophe. Tentativas vão apparecendo nesse sentido e é d'isso exemplo a *Liga Nacional de Instrucção*, que no curto espaço de um anno tem realisado importantes trabalhos de reconhecido alcance.

Assim é que, obedecendo ao seu plano inicial, logo no mês de junho se formou no Porto o Nucleo Central do Norte, seguindo-se os de Vianna do Castello, Castello Branco, Viseu, Leiria, Coimbra, Guimarães, Setubal, Seixal, Alcaçovas, Odemira, Elvas, Extremoz, Alvito, Serpa, Silves, Barrancos, Moura, Monforte, Montemór-o-Novo, Gollegã, Barcarena, e muitos outros em via de formação, tendo este movimento chegado ás ilhas.

Professores primarios, professores dos lyceus e das escolas superiores, officiaes do exercito, advogados e muitos particulares, unidos todos no

mesmo intuito patriotico e humanitario, irmanados pela mesma causa que lhes alenta o coração, e desprendidos dos preconceitos da politica, tem procurado auxiliar e desenvolver a idéa tão auspiciosamente lançada pelos fundadores da *Liga Nacional de Instrucção*, a cuja séde provisoria, na Associação dos Jornalistas, chegam todos os dias novas adhesões e ardentes incentivos para a prosecução d'essa obra de rejuvenescimento nacional.

Este movimento nasceu em um periodo tão favoravel da nossa existencia, que se espalhou com maravilhosa intensidade, causando indizivel surpreza ainda mesmo aos mais optimistas. Na capital quasi todas as associações de ensino particular estão interessadas na obra da *Liga da Instrucção*, manifestando-lhe todo o seu apoio e pedindo-lhe esclarecimentos e auxilio para a realisação do seu vasto plano.

CONSIGLIER PEDROSO

PRESIDENTE DA LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Constituidos os nucleos da Liga, e obedecendo ao programma traçado para o primeiro anno de trabalho, procurou se adaptar ao nosso paiz a *Festa da Arvore*, cujos resultados são de ha muito conhecidos em toda a parte onde ella se tem realizado.

Esta festa é altamente educativa, pois não só ensina ás creanças e ao povo em geral a utilidade das arvores; mas tambem e muito em especial lhes incute o amor ao trabalho, dando-lhes simultaneamente a noção da sua personalidade, caracterisada pelo esforço e cultura da intelligencia e pelo conhecimento da vontade successivamente robustecida.

A *Festa da Arvore*, a que em devido tempo nos referimos (1), calou admiravelmente no espirito publico e mesmo nas estações officiaes, tendo a direcção geral da instrucção primaria recommendado aos inspectores que fomentassem a sua propaganda entre o professorado primario das respectivas circunscripções.

(1) Veja-se o n.º 1044 do OCCIDENTE, de 30 de dezembro de 1907.

* * *

O facto capital do primeiro anno de trabalhos a realisar pela *Liga Nacional de Instrucção* foi o *congresso de instrucção primaria*, cujo objectivo era congregar todos os individuos que directa ou indirectamente haviam manifestado o seu desejo de cooperar na grande lucta contra o analphabetismo e ignorancia civica do nosso povo; era preciso avaliar *de visu* a importancia que esta potente aggremiação podia offerecer perante o paiz inteiro, que anceava pelo conhecimento que cada um desses obreiros poderia trazer ao congresso sobre o estado da instrucção do povo das suas respectivas localidades, indicando ao mesmo tempo os meios mais praticos de extinguir o analphabetismo.

A idéa do congresso logo foi aceite com grande jubilo por todo o professorado primario, que desde ha muito vinha trabalhando para a realisação d'um certamen d'essa natureza, ao qual as estações officiaes haviam manifestado todo o apoio e auxilio e que devia ter-se realisado em maio de 1906 se os taes interesses mesquinhos da politica não tivessem deliberado adial-o... *ad calendas Græcas!*

Para este congresso foram convidados não só os professores de todos os graus de ensino, mas tambem as pessoas illustradas que, sem pertencerem ao professorado, pudessem, pela sua competencia, auxiliar o emprehendimento da *Liga*, que havia já organisado commissões preparatorias dos trabalhos do congresso, cuja realisação se effectuou, como havia sido indicado, nos dias 21 a 24 de abril, com sete sessões, a ultima das quaes, a de 24, foi extraordinaria, attendendo á urgencia da discussão d'uma das theses — *a questão do analphabetismo* — que interessou apaixonadamente todos os congressistas.

A' sessão inaugural bem como á de encerramento presidiu o sr. Consiglieri Pedroso, que é o presidente da *Liga Nacional de Instrucção* e que tem sido d'uma dedicação verdadeiramente evangelica pela propaganda encetada por esta collectividade, a que o illustre professor do Curso Superior de Lettras imprime toda a força da sua energia sem desfallecimentos, do seu talento excepcional e do seu caracter purissimo. Ninguem melhor para presidir a certamens de instrucção do que este respeitabilissimo professor de historia, orador fluente, escriptor elegante, jornalista vigoroso, polyglotta insigne, que falla e escreve quasi todas as linguas da Europa, conhecendo a fundo as respectivas litteraturas, algumas das quaes como a russa, scandinava e dinamarqueza, têem constituidó o assumpto de interessantissimas conferencias por elle realisadas na Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras, de cuja assembléa geral elle é presidente.

Foi Consiglieri Pedroso quem no anno passado tomou a iniciativa do extraordinario e retumbante protesto contrá a lei de imprensa; foi elle um dos poucos portuguezes que, com o dr. Magalhães Lima, lá por fóra mais trabalharam para o brilhante exito da grande celebração do Centenario da India; é elle ainda, que, como director da Sociedade de Geographia, põe toda a sua actividade, intelligencia e inexcedivel patriotismo ao serviço dos mais urgentes problemas que interessam á causa nacional.

Ao sr. Consiglieri Pedroso coube a difficil tarefa de implantar entre nós o ensino da historia segundo as mais recentes concepções philosophicas, buscando, tanto na sua cadeira do Curso Superior de Lettras, que elle conquistou em concurso celebre, como em conferencias, que correm impressas sob o titulo — *As Grandes Epocas da Historia Universal* —, e em varios compendios de todos conhecidos, adoptar o criterio seguido pelos mais abalisados historiadores.

Como escriptor, o sr. C. Pedroso occupou se muito particularmente tambem do estudo das tradições populares portuguêsas, tendo publicado alguns d'esses trabalhos em francês e inglês.

Por estes e outros predicados que enaltecem a sua complexa personalidade, não podia deixar de ser brilhantemente acolhida a presidencia do sr. C. Pedroso no primeiro congresso da *Liga*, onde elle podia evidenciar tão bem a sua inconfundivel personalidade, mostrando ao mesmo tempo a facilidade e conveniencia mesmo com que hoje professores de todos os graus de ensino se identificam em intima communhão de idéas e de processos tendentes á realisação de um objectivo altamente patriotico como é o da extincção do analphabetismo.

Não queremos nem podemos fazer uma biographia; desejamos apenas, nestas desconnexas linhas, prestar a homenagem humilde e sincera de antigo discipulo que nunca esqueceu a benevolencia do mestre querido, que soube sempre, d'uma fórma superior, conciliar as escabrosidades da sciencia com as virtudes do coração, mercê do seu privilegiado talento e da lealdade do seu caracter. Que a benevolencia do mestre para o discipulo se continue em perdão para o amigo, irreverente, mas humilde, eis o nosso vehemente desejo.

Para as sessões ordinarias do congresso, foram escolhidas personalidades das mais distinctas no magisterio superior e especial, a saber:

Dr. A. Alves dos Santos, lente de theologia na Universidade de Coimbra e ex-inspector da 2.ª circumscripção escolar; José Joaquim d'Almeida, presidente da Sociedade das Sciencias Agronomicas e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria; Bento Carqueja, director do jornal *O Commercio do Porto* e lente da Academia Polytechnica; Carlos Adolpho Marques Leitão, director da Escola Industrial Marquez de Pombal; D. Emilia Patacho, medica muito distincta, directora da Casa de Correcção das Monicas, para o sexo feminino, e o Padre Antonio de Oliveira, sub director da Casa de Correcção de Caxias, para o sexo masculino.

*(Continúa.)*

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

## Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Ao passo que a grande capital federal se transforma completamente, abrindo novas praças e largas avenidas, onde se erguem sumptuosas edificações, como se póde ajuisar por gravuras que publicamos neste numero, fazendo realçar as bêlesas naturaes daquelle país umberrimo, o governo brasileiro não descura os interesses economicos da nação, fazendo progredir o trabalho nacional, fonte de riqueza dos povos.

As grandes conquistas de hoje são as pacificas labutações do trabalho, que no meio da paz se desenvolve pedindo á ciencia os seus progressos, á arte as suas belêsas e á força as suas inergias.

Esse resto de veleidades belicas que a civilisação ainda não conseguio desarmar de todo, ha-de ir desaparecendo, porque outros são hoje os ideiaes humanos.

Os grandes canhões destruidores hão de ceder o logar ás grandes maquinas produtoras. Os campos de batalha serão os laboratorios da ciencia, as academias das artes, as fabricas das industrias, tendo como seu centro a grande industria extrativa e mãe — a agricultura.

E' para este desideratum que os povos caminham, e um novo mundo se reserva paro novas gerações orientadas sob novos principios consoantes os tempos e aprefeiçoamentos das gentes.

Os campos da luta vem sendo ha annos as exposições, orientadas sob o ponto de vista econo-

# Exposição Nacional do Rio de Janeiro

ANNEXO DA SECÇÃO PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

mico e pratico. O que mais importa conhecer é o que cada povo melhor produz e mais convenha aos outros povos, e assim se estabelecer a troca.

O Brasil agora querendo melhor avaliar as proprias forças da sua producção, fez um chamamento ao trabalho nacional para o reunir, como em parada, na sua exposição, e por um requinte de amabilidade e espirito fraternal, abriu uma excepção para o nosso país para tambem ali concorrer com seus produtos, não obstante muitos serem ali já conhecidos pelo comercio que entretem com Portugal.

Muitos são os produtos portuguêses que ali concorrem, ocupando o primeiro logar os vinhos, os licores, as conservas, azeites e frutos, que no mercado brasileiro encontram boa colocação. Outras industrias nossas são tambem ali aceites com vantagem, principalmente a de calçado, a de cantarias, a de livros, etc. As industrias de arte aplicada, são, porém, as de maior novidade para o Brasil, por, talvez, menos conhecidas, assim como as obras de bélas artes.

Tudo isto ali se faz representar condignamente, como teremos ocasião de referir no seguimento destes artigos dedicados á Exposição Nacional do Rio de Janeiro.

Para acomodar todos os produtos que afluiram, teve a comissão portuguêsa de mandar construir um annexo, que a nossa gravura reproduz.

E' uma construção ligeira, de um só pavimento e com cinco faces, decorada com elegancia, tendo na face principal o portico de entrada encimado pelas armas de Portugal entre uma especie de corucheus de gracioso desenho.

## Portugal na Exposição do Rio de Janeiro

### Fundição de Massarellos

Referimo-nos em o numero antecedente á *Marcenaria 1.º de Dezembro* como uma das expositoras na Exposição do Rio de Janeiro, hoje temos de nos referir a outro expositor importante, como é a antiga *Fundição de Massarellos*, bem conhecida no país por seus produtos e grande desenvolvimento.

Fundada ha mais de meio seculo, em 1852, pertence a uma sociedade anonima de responsabilidade limitada, denominada *Companhia Alliança*, proprietaria da *Fundição de Massarellos* e *Fundição do Ouro*. E' este um dos grandes estabelecimentos industriaes do país, onde se executam todos os trabalhos metalurgicos, desde as maquinas de vapor, receptores hidraulicos, maquinas agricolas e industriaes, ferramentas e peças elementares de maquinas e de montagem de fabricas, até á fundição de todos os metaes, incluindo a especialidade de canos ao alto. Em construções civis de que se tem encarregado, contam-se mercados, marquises, coberturas metalicas, columnas e gradeamentos, portas de eclusas, caixões para fundações pneumaticas, guindastes para todas as tonelagens. Construções para a agricultura, maquinas para moagens, para azeite a vapor e hidraulicas, prensas para vinhos, bombas para todas as elevações, a braço, a vapor e hidraulicas, emfim todos os produtos da metalorgia.

Foi este grande estabelecimento industrial que fundiu a estatua de D. Affonso Henriqnes destinada ao monumento de Guimarães, berço da monarquia portuguêsa.

Essa magnifica obra de arte do grande esculptor Soares dos Reis, obra do seu talento e orgulho da arte portuguêsa, é ao mesmo tempo uma lição de arquiologia, pela consciencia com que feram estudadas todas as minudencias do traje da figura, desde o elmo que lhe cobre a cabeça, o comprido saio de couro coberto de placas de aço em forma de circulo, os borseguins ou butes abertos até meio, as esporas compridas seguras ao pé por correias afiveladas, a espada copiada da propria que é tradição ser a do fudador da monarquia e se guarda no museu de S. Lazaro, o escudo de madeira revestido de couro e de fôrro acolchoado, são tudo peças de armadura da época, documento completo, que o estatuario apresentou ás vistas do publico, e de alta valia historica.

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. — A Estatua de D. Affonso Henriques — esculptura de Soares dos Reis — Fundida em ferro, exposta pela Fundição de Massarellos. — *(Fotografia Biel).*

# Exposição Nacional do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO — A Praça da Republica

A Fundição de Massarellos, servindo-se dos mesmos moldes em que fundira em tempo a estatua em bronze, fabricou agora uma em ferro, para enviar á Exposição do Rio do Janeiro.

Não podia ser mais feliz a ideia, tanto pelo assunto, como pela magnifica obra de arte que escalheu para se apresentar no grande certamen, onde de certo vae ser duplamente apreciada, quer pelo pensamento patriotico que envolve, quer pelo arrojo que mostra os grandes recursos artisticos e industriaes da *Fundição de Massarellos.*

## A campanha do Cuamatu

Conferencia pelo commandante Alves Roçadas

### Um paraiso africano

*(Continuado do numero antecedente)*

Facto interessante que se nota. Muitas vezes, especialmente na época do cacimbo (tempo sêco), o viajante que, de de Mossamedes até á base da Chella, caminha envolto em frio e aborrecido nevoeiro, ao chegar ao alto da Serra vê-se de repente bafejado por um lindo sol que illumina um dos ceus mais azues e transparentes.

Parece que a natureza nos restitue a vida.

E, se porventura se volta para traz, vê ao longe, lá em baixo e como que atravez dos humbraes de estreita janella, apenas enorme toalha de nevoa confundindo-se muito ao longe com as brumas do mar.

Mas voltemos as costas a esse mar que nos separa mais de 2:000 leguas do lar que lá ficou em Portugal, e prosigamos o caminho.

Em breve internamo-nos no planato propriamente dito.

Comprehende este uma area approximada de 2:500 kilometros quadrados.

O aspecto geral da natureza recordanos muito as terras do norte de Portugal. Solo accidentado, valles mais ou menos largos, mais ou menos ferteis onde a cadencia das aguas correntes dos rios e das levadas nos ferem o ouvido com um marulhar agradavel; onde os prados verdejantes, as encostas cobertas de matto florido e aromatico, os trigaes, as hortas, as pequenas culturas de legumes, os caminhos ladeados de roseiras, a alvura dos casaes entre tufos de eucalyptos a denunciarem aqui, além, os pontos habitados e projectando-se nas vertentes graniticas das montanhas que um ceu limpido, azul e opulento de um sol radiante, envolve n'uma atmosphera irisada de côr violacea que predomina nas regiões montanhosas e nas grandes altitudes; onde as creanças louras como as espigas dos seus trigaes, rosadas como as flôres dos seus pequenos canteiros, solidas como uma raça que se adaptou, descalças e descobertas nos fazem volver em espirito á terra em que nascemos e força-nos a dizer intimamente n'uma admiração mixto de alegria e patriotismo: «Isto é como lá!»

Tal é o planalto propriamente dito, onde nasce o rosmaninho, onde se dá o pecegueiro, a figueira, a roseira, o espargo bravo, a larangeira, onde se semeia o trigo, a cevada, a batata, productos europeus juntamente com a canna de assucar, o cará, o cafeseiro, productos tropicaes.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### Linha de etapes

Tal é o terreno áquem Cunene, onde se encontra a unica linha de marcha para tropas e carros, n'uma extensão de 500 kilometros entre Mossamedes e Humbe.

A nossa linha de etapes na campanha aos Cuamatuis, começava no Lubango, onde se montou a base de etapes ou local de direcção e de reunião do maior numero de elementos importantes de abastecimento.

Seguiam-se depois os postos de etapes, isto é, os locaes onde as forças em marcha deviam pernoitar. Eram em numero de 16 e obedeciam a um determinado numero de preceitos, entre os quaes avultava o da existencia de agua e lenha.

Entre estes postos escolheram se os mais importantes e melhor situados e n'elles se reuniram viveres, forragens e medicamentos para as forças que por ali tinham de transitar. Eram os chamados postos principaes de etapes, installados respectivamente na Chibia, Quibita, Gambos, Cahama, Tchipilongo e Humbe.

Estes postos principaes não distando uns dos outros mais de tres dias de marcha, permittiam reduzir ao minimo o numero de carros boers destinados a cada unidade (trem regimental), por isso que apenas estes tinham de levar comsigo tres dias de viveres.

RIO DE JANEIRO — O Monte da Gloria

*(De fotografias)*

O abastecimento de todos os postos era das attribuições do chefe dos serviços administrativos.

No ultimo posto de etape, isto é, no posto mais avançado e já limitrophe das terras do inimigo, no forte Roçadas, além Cunene, constituiu-se um novo deposito importante de abastecimentos de toda a natureza, pelo que se chamou: «base testa de etapes.»

Para aqui convergiram com a antecedencia de mezes, todos os viveres, forragens, material de artilharia, de bivaque, de sapador, de acampamento, sanitario e reservas de fardamento, destinados ás operações activas, que se calculou durarem tres mezes.

Conforme o estabelecido no projecto de operações, os viveres e forragens a reunir no forte Roçadas, deviam attingir tres mezes destinados a alimentar 2:000 homens e 400 solipedes e mais seis mezes destinados ás futuras guarnições de occupação.

Munições deveriam reunir-se 300 cartuchos por praça combatente ou sejam 227:250 de $8^{mm}$ e 208:360 de $11^{mm}$ e 100 tiros por bocca de fogo e ainda 10:000 por metralhadora.

O material diverso destinado a varios fins, e adquirido quasi todo em Lisboa, attingiu tambem grandes proporções. Todos estes elementos representando um total de 900 toneladas tinham de ser transportados uns, a maioria, de Mossamedes, outros do Lubango, e postos no Forte Roçadas até á segunda quinzena de agosto.

Os unicos meios de transporte com que presentemente se póde contar no districto de Huilla, são os carros boers de quatro rodas.

Cada caro é, em geral, puxado por uma espana de dez juntas de bois e póde transportar o peso maximo de 3:000 kilogrammas ou sejam 200 arrobas. O pessoal dos carros compõe-se do carreiro preto mais civilisado e que maneja o chicote; o ajudante, homem do travão e candeeiro, rapazito que segue na frente da primeira junta.

No meu calculo de transportes admitti a carga maxima de 2:250 kilogrammas ou 150 arrobas por carro, sendo assim necessarios uns 400.

A falta, porém, de estatistica segura fazia prever que não houvesse disponivel tão grande numero, e por isso reduzi o meu calculo a 200 carros, que funccionariam por grupos de 14, carregando diariamente na estação terminus da linha ferrea, que por seu turno daria o rendimento tambem diario de 60 toneladas.

N'estas condições, os transportes estariam effectuados no cabo de cinco mezes, devendo portanto começar no mez de abril.

Devo dizer que a execução do serviço dos transportes não correspondeu ao previsto no plano de operações, pelo que, quando nos fins de agosto emprehendi a marcha offensiva no interior do Cuamatu, faltava algum material indispensavel e o stock de viveres e forragens estava incompleto.

Felizmente a occupação não demorou e pude dotar os postos fortificados com quasi seis mezes de abastecimentos provenientes dos destinados ás operações activas.

Aqui deixo, em resumo, indicado o que respeitava á organisação da linha de etapes e aos abastecimentos destinados á columna propriamente dita, questão esta de primacial importancia em quaesquer operações de guerra, sobretudo quando estas tenham de se desenrolar em regiões de Africa.

### Composição da columna

Em harmonia com o projecto de operações devia ella ser constituida pela seguinte fórma:

Commando e estado maior: 9 officiaes, 15 praças, 7 civis (interpretes, guias e pessoal telegraphico), 11 solipedes e 1 carro boer.

Tropas:

Sapadores, artilharia: bateria Erhardt de tiro rapido, 4 boccas de fogo; bateria Canet $^{m}/_{85}$ de tiro rapido, 4 boccas de fogo.

Cavallaria: 2 esquadrões, sendo um de lanceiros e outro de dragões.

Infantaria europeia: companhia de marinha, companhia expedicionaria, 1.ª e 2.ª companhias europeias do districto, companhia disciplinar.

Infantaria indigena: companhia de landins, 3 companhias indigenas de angolas.

Sommando dava: officiaes, 64; praças europeias, 1:457; indigenas, 894; solipedes, 240.

Serviços:

Saude, administrativos, trem de combate, comboio, sommando: officiaes, 8; praças europeias, 23; indigenas, 90; solipedes, 134; carros alemtejanos, 24; Lefévre, 20; carros boers de quatro rodas, 22; bois de carro, 506; bois para abater, 560.

### Recrutamento

O recrutamento das forças que deixo mencionadas, constitue um dos factos mais honrosos para o nosso paiz, não obstante saber-se que nos iamos defrontar com o terrivel preto, que após o desastre de 1904 sonseguira infundir verdadeiro panico em toda a provincia, e que mais ou menos se reflectia na metropole, logo que pelos ministerios da guerra e do ultramar, se lançou o convite para a mobilisação dos contingentes, o numero de voluntarios offerecidos excedeu a espectativa.

Só para a companhia de marinha apresentaram se para cima de 400 homens, quando o convite era apenas para 150.

No exercito tambem foi avultado o numero dos offerecimentos.

Emfim na propria provincia de Angola, houve voluntarios em officiaes e praças, conseguindo mobilisar-se com relativa facllidade a companhia de guerra do batalhão disciplinar.

### Concentração no Cunene

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Não desejando fatigar com o relato da ordem de serviços que fixou a organisação da columna, limitar-me-hei a indicar os effectivos com que realmente contava no dia 25 de agosto, vespera da partida para o interior do Cuamatu.

Esses effectivos eram os seguintes:

| | |
|---|---|
| Officiaes | 79 |
| Praças europeias | 1:240 |
| Praças indigenas | 944 |
| Individuos civis, condemnados e indigenas | 28 |
| Somma (tropas regular) | 2:291 |
| Auxiliares portuguezes a cavallo | 14 |
| Auxiliares boers a cavallo | 18 |
| Auxiliares indigenas | 83 |
| Somma | 115 |
| Cavallos | 100 |
| Muares | 181 |
| Bois de carro | 620 |
| Bois para abater | 40 |
| Carros alemtejanos | 13 |
| Carros boers | 31 |

Estes homens, solipedes e carros eram distribuidos pelos seguintes elementos:

Tropas propriamente ditas;

Trem de combate (comprehendendo munições — ambulancia — secção de agua);

Comboio, fraccionado em: reserva de munições de artilharia, idem de infantaria, medicamentos, agua, viveres e forragens.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

### Declarações de Caripalula

Em 12 de julho seguiu para o Humbe o official que havia de ir dispondo no forte Roçadas os elementos para a organisação da columna.

Merecendo-lhe especial cuidado reunir tudo o que pudesse elucidar sobre a região que iamos bater, conseguiu captar a confiança de um fidalgo cuamatui, de nome Caripalula, refugiado na occasião na Cafuntuca, do lado de cá do rio.

E' este Caripalula da familia dos sobas do Cuamatu Grande, mas maltratado pelo ex-soba Chaula, viu-se na necessidade de se refugiar no Cuanhama, com familia e haveres.

Não obstante ter sido um dos comparsas no grande festim de 1904, e talvez um dos protagonistas, preto intelligente como é, comprehendeu que a vingança do branco havia de chegar e que o *dies irae* havia de chegar e então principiou a a acalentar a idéa de se apresentar á nossa auctoridade no Humbe.

Um bello dia, apesar de um tio o dissuadir, montou a cavallo e com alguns serviçaes poz-se a caminho, mas antes de chegar ao Cunene era assaltado por um bando de cuamatuis, com quem luctou, ficando ferido gravemente; o cavallo fugira-lhe; repellido, porém, o bando, conseguiu passar o rio e abrigar-se no Cafu.

Aqui foi tratado pelo dr. Bravo e visitado pelo capitão Marques e José Lopes, velho africanista, homem destemido e habituado ás guerras com pretos, tendo sido meu companheiro de armas em todas as expedições.

Transportado Caripalula para o Humbe e nada lhe faltando, convencido praticamente da generosidade dos brancos, ganhou por completo a nossa confiança e promptificou-se a prestar declarações, de cujo confronto com as colhidas de outros informadores tambem cuamatuis, se apuraram dados interessantes, dos quaes reproduzo aqui alguns.

1.º Assistira ao desastre de 1904, pois que residia numa libata proximo do Cunene.

2.º Nenhum branco escapara á chacina, por isso que, em guerra importante e com os brancos, os cuamatuis não poupam a vida a ninguem.

3.º A maior parte das armas aprehendidas foram para o Cuamatu Grande.

4.º Que dos lengas do Cuamatu Grande, que entraram na guerra de 1904, ainda viviam muitos.

O feiticeiro era o mesmo, um preto de origem cuanhama, chamado Çamati, que recentemente se ausentara para a Gangella por haver dito que a terra ia sair do poder do soba.

5.º Que os cuamatuis esperavam já a guerra, que possuiam muitas armas finas; que tinham já começado a levar para o mato o mantimento que havia nas libatas.

6.º Que no Cuamatu Grande mataram ha pouco uma cabra, cortaram-lhe a cabeça, e vieram com ella ao caminho do Pemba, onde esteve acampada a columna do capitão Aguiar. Espetaram-na num pau e vieram no dia seguinte examinal-a. Se a cabeça estivesse caida para o lado do rio, significaria que elles haviam de ser valentes e vencer; se a cabeça pendesse para o lado do Cuamatu, elles teriam que fugir. O resultado do feitiço não foi muito claro, mas o *quimbanda* (medico e feiticeiro) disse que este anno a columna só atacaria o Cuamatu Pequeno e não o Grande. Os do Cuamatu Grande ficaram satisfeitos e deram seis bois ao *quimbanda*.

*(Continúa).*

ALVES ROÇADAS.

## Amor por suggestão

### Traducção do original inglez

DE

### OUIDA

*(Continuado do n.º 1060)*

IV

Quando ao joven principe siciliano, Lionello Andreis, representante de uma antiga familia hispano-italiana, succedera um accidente de caça, e as presas de um velho javali o puzeram ás portas da morte, um cirurgião inglez, de nome Frederico Damer, que estava então em Palermo, fez por elle o que nenhum cirurgião teve a ousadia de praticar, e, tanto quanto a phrase se pode applicar á acção humana, salvou-lhe a vida. Tinha decorrido um anno desde então; a esplendida vitalidade do siciliano retomara todo o seu vigor natural; contava elle apenas vinte e quatro annos de edade, e era naturalmente forte como um carvalho novo das mattas do Etna. Mas tinha mãe que o estremecia, e estava afflicta; e foi ella quem pediu ao inglez que se demorasse ainda algum tempo junto de elle; sorriu-se o siciliano, mas sujeitou-se; e com Damer andou o principe a viajar no Egypto e na India durante muitos mezes; e estavam agora para se separar dentro em um mez, o siciliano para voltar á sua terra, e o inglez para reger uma cadeira de physiologia n'uma cidade do norte da Europa.

Um acaso os tinha unido por pouco tempo, e os ia separar em paz, e um collar de opalas tirado por acaso d'entre as espadanas e as bardanas de Torcello tinha mudado o seu destino.

Com taes bagatellas brincam os deuses quando mettem no jogo as vidas humanas.

Damer era filho de um medico da provincia, mas seu pae fôra pobre, a familia numerosa, e elle, filho terceiro, havia sido atirado para o mundo, tendo apenas a sua educação por capital. Praticou a cirurgia para viver; praticou a physiologia para alcançar por meio de ella essa importancia e celebridade pela qual a sua indole suspirava, e á qual a sua capacidade o destinava. Mas a cada passo os seus escassos meios o mortificavam e consumiam, e fôra demonstrador, auxiliar e professor de escolas, quando a sua grande habilidade e actividade lhe davam jus a obter a posição de um Hemboltz ou de um Virchow n'esse novo sacerdocio que se alevantava para pretender o governo do genero humano, e que a si proprio sacrifica todas as raças sensitivas.

Viu em Adrianis todos os poderes da mocidade e da riqueza concentradas n'uma pessoa, que apenas se servia de elles para o goso descuidado,

e uma boa indole irreflectida, que se lhe afigurava tão destituida de senso, como a dança ao sol de um negro amoroso.

Adrianis e toda a sua familia tinham-lhe patenteado o maximo reconhecimento, liberalidade e consideração, e o joven principe supportava-lhe gracejos e sarcasmos, que não teria consentido a um imperador; mas Damer, por sua parte, não sentia pelo siciliano e pela sua gente senão o desprezo da grande intelligencia pelo espirito inculto, a irritação do sabio que vê uma creança fazer dos pergaminhos de um tratado composto em lingua desconhecida um papagaio para brincar — pergaminhos que, estudados, poderiam ter revelado ao estudioso o segredo de mortos credos e de nações perdidas. Não ha orgulho tão arrogante nem supremacia tão illimitada como os da intelligencia. Pode esse orgulho, como Belisario, ser visto a pedir por portas; mas, como Belisario, reputa-se superior ás turbas que lhe dão esmola, e, emquanto extende a mão para a receber, amaldiçôam-n'a os labios.

*(Continúa.)* ALBERTO TELLES.

# A Marqueza de Alorna

**Sua influencia na sociedade portugueza — 1750-1839**

POR

**D. Olga Moraes Sarmento da Silveira**

E' este o titulo d'um volume de 136 paginas de texto, precedido de uma *Carta-Prefacio* que firma Theophilo Braga, o maior e mais erudito productor contemporaneo das lettras portuguezas.

Pertence o volume á penna illustre d'uma distincta mulher, D. Olga Moraes Sarmento da Silveira cujo retrato o acompanha bem como outras nitidas representações que esclarecem melhor o leitor ácerca do texto deveras apreciavel.

D'elle escreveu Theophilo com todo o acerto de critico escrupuloso e com toda a auctoridade de mestre incontestado:

«Só me falta uma voz europea para fazer reconhecidos os creditos d'este trabalho precioso, em que a investigação erudita se espiritualisa pela vivacidade feminina.»

Traçar com segurança de lineamento, dentro da orbita dos factos interessantes e mantendo-lhe a justa relação de valor scientifico no plano de occorrencias do tempo e da respectiva época, traçar assim, o busto que foi em evidencia e que ficou para a posteridade no verbo escripto de obra luminosa é empenho e tarefa que muitos pretendem e de que muitissimo poucos vingam triumphar.

Pelos predicados não vulgares que lhe exalçaram o caracter, pelas condições do meio e pela alternativa de multiplas circumstancias que lhe determinaram e em que se envolveu o seu destino, D. Leonor de Almeida Portugal Lencastre e Lorena, condessa de Oeynhausen e marqueza de Alorna ergue-se na historia patria encantando e attrahindo ao seu estudo mas, simultaneamente, avolumando as graves difficuldades da empreza para quem aspire a leva-la ao cabo sem perder de vista o complexo, nacional e extranho que a define e a orientou com rigor logico em harmonia com a sua propria indole e com a pujança intellectual do seu espirito superior.

Em data recente ainda, na 3.ª edição da sua primorosa *Historia da Litteratura Portugueza*, Mendes dos Remedios, alludindo ao seculo XVIII e citando a marqueza de Alorna, acrescenta logo após o referido titulo: a decantada *Alcippe*, cujas *Obras Poeticas* revelam um finissimo espirito, de uma esmerada cultura, como a podiam ter as mais viris intelligencias do Renascimento, tanto nas bellas artes, como nas sciencias.

Mais, porém do que pelos seis volumes das suas poesias, o talento da Marqueza de Alorna tornou-se distincto e influiu largamente no nosso meio pelos seus salões que reuniam todas quantas pessoas em Lisboa primavam pelo seu saber e pelo seu amor ás lettras e ás sciencias.»

D. Olga Moraes Sarmento tudo isto revelou com genuino colorido de realidade, provando-se á altura do seu assumpto delicado sob o ponto de vista do conceito philosophico e bem merecendo do publico instruido louvores e encomios justificados.

Repartiu a auctora a materia do texto do seu empolgante volume pelos seguintes quatro capitulos:

«I — Nascimento, mocidade e cultura da Marqueza de Alorna...
«II — A vida dos Salões aristocraticos...
«III — Invasão Napoleonica em Portugal...
«IV — Regresso a Portugal...»

E, não esquecendo a primacial importancia do tempo como indispensavel elucidação interpretativa n'um tal quadro, ao parecer de aspecto hybrido, emmoldurou-o com um requerido introito, — O *espirito do seculo XVIII* e com um epilogo utilissimo, — *Bibliographia Alorniana.*

Com a devida venia vou copiar para aqui uns versos dirigidos á Marqueza de Alorna pelo então ministro de França em Portugal e outros com que ella respondeu ao diplomata.

«Dos seus trabalhos originaes, declara a este respeito a illustre auctora, temos o prazer de transcrever uma *Resposta*, perfeitamente inédita (de *Alcippe* ao Conde de St. Priest), e que nos foi gentilmente cedida pela sua illustre representante, a senhora Marqueza de Fronteira e de Alorna.»

D. OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA

São estes os versos do ministro, conde de St. Priest:

Dans votre climat séducteur,
La nature semble un prestige:
Là, sur la branche, et sur la tige,
C'est toujours ou le fruit, ou la fleur.

De votre esprit il est l'emblême,
Toujours il brille en son été,
Vaincu par son charme suprême
Pour lui le temps c'est arrêté.

**Réponse d'Alcippe**

Quand Apollon t'accorde
Une lyre aussi touchante
D'écouter il m'ordonne,
Il difendit que je chante.

Si je mêlais mes accents
A ton chant pur et sublime,
De Martias les tourments
Pourrait bien punir mon crime.

Ton chant ressemble à la rose
Par son parfum, sa beauté,
Faisant mon apotheose
N'obtient l'immortalité.

Scintilla n'esta admiravel resposta da famosa poetisa toda a espirituosa delicadeza d'uma fina capacidade cerebral, e se outros trabalhos não existissem pondo em evidencia o nome aureolado da Marqueza de Alorna, similhante resposta constituiria um documento sobejamente authentico, a consagrar a sua passagem inconfundivel nos fástos da litteratura nacional.

Nada mais direi da excellente producção patriotica de D. Olga Moraes Sarmento da Silveira; o grande mestre disse tudo nas linhas de que me apraz repetir a transcripção.

«Só me falta uma voz europea para fazer reconhecidos os creditos d'este trabalho precioso, em que a investigação erudita se espiritualisa pela vivacidade feminina.»

Maio, 1908

D. FRANCISCO DE NORONHA

# PUBLICAÇÕES

**No templo dos Jeronymos.** — *Oração funebre*, pronunciada nas exequias d'El-rei D. Carlos I e do Principe Real D. Luiz Filippe, por A. Ayres Pacheco, conego da Sé, mandadas celebrar pelo governo no dia 25 de abril de 1908 — Segunda edição — Depositario: Correia Pinto, rua de S. Nicolau, 71 e 73 — Lisboa — 1908.

No numero d'esta interessante revista correspondente a 30 de maio ultimo, publicou Caetano Alberto uma justa referencia em homenagem ao insigne conego Ayres Pacheco, referencia que finalisava com estas palavras: *São estas as breves notas biograficas que podémos obter para acompanhar o retrato do illustre orador sagrado a quem o governo agraciou com a comenda de S. Thiago pelos muitos meritos literarios e cientificos. Bem cabida mercê.*

Effectivamente o conego Ayres Pacheco foi agraciado com essa venera, mas o que é certo tambem é que a sua hombridade de caracter recusou essa distincção, assim como as noventa libras que, a titulo de lembraça pela sua primorosa allocução, o governo — indicado pelo sr. conselheiro Campos Henriques — lhe quiz offerecer.

A magnifica *oração funebre* — que temos á vista — é uma prova concludente de que Ayres Pacheco é honesto, sincero e são, qualidades raras de encontrar n'uma só individualidade.

A declaração que escreveu a preceder a edição do seu discurso funebre demonstra que não se desdiz do que disse — áparte umas palavras que se tornaram publicas e que não proferiu — tomando para si a responsabilidade das que pronunciou, deixando — para quem o leia — a responsabilidade de as interpretar a seu talante!

Não alterou a oração em qualquer ponto que fosse; fel-a publicar em bonita edição acompanhada do retrato que já aqui inserimos, motivo porque não o publicamos agora.

Sabemos que a palavra falada do orador tem mais brilho e encanto, mas desde que não tivemos o prazer de ouvil-o, de receber directamente do conego Ayres Pacheco esse soberbo discurso, contentamo-nos em lêl-o e guardál-o para exemplo de vindouros.

Ao illustre auctor da *Oração funebre* — vulgarmente conhecida por *Sermão dos Jeronymos* — revd. conego Ayres Pacheco — e ao depositario d'essa excellente allocução o nosso amigo Correia Pinto — agradecemos a gentileza com que distinguiram esta revista e o signatario d'estas linhas de sincera homenagem ao auctor.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

**Historia da Revolução Franceza** por Alfredo Rambaud. — *Traducção de João Barreira, ornada com 33 gravuras.* — Lisboa. — Livraria Ferreira, editora. — 1908.

Muitos illustres escritores teem consagrado horas de folga, ao estudo sempre atraente do ainda não completamente definido movimento de 1789, e entre taes obreiros não cabe some-

nos valor ao trabalho do falecido Rambaud agora tradusido pelo medico Barreira.

Não é porém esta uma historia que baste só por si á inteira edificação do leitor de limitados conhecimentos adquiridos.

Serve, a quem, já instruido, carece de guia para melhor consulta, ou a quem pretenda abranger um grande conjunto numa simples leitura em volume portátil.

E este assim é, pois o constituem pouco mais de 300 paginas de manuseamento facilimo.

O tradutor, de incontestada competencia, comtudo, ainda não conseguiu libertar se inteiramente do modo francez a que se habituou durante a sua permanencia de caracter academico na sedutora cidade, rainha do Sêna, outr'ora teatro do drama sem precedentes, que deu ao mundo a mais radiosa orientação codificada, e revelou para a posteridade as figuras humanas de mais extraordinaria envergadura.

Esperamos que João Barreira, homem de mérito que nos merece toda a estima, não levará a mal o nosso reparo, que não obedece a intuito de melindrar-lhe o animo esclarecido mas ao proposito de chamar a sua atenção para uma coisa que escapa aos que teem residido em Paris.

*Sentados, da esquerda para a direita*—Capitão Baptista Coelho, chefe do Estado Maior—Dr. Sousa Ribeiro, secretario geral—Major Freire de Andrade, governador geral—Dr. Garcia Marques, procurador da corôa—Leonel Cardoso, inspector da fazenda.—*Em pé, da esquerda para a direita*—Pedro de Lencastre, director da alfandega—Dr. Angelo Ferreira, advogado—Dr. Serrão Azevedo, chefe do serviço de saude—Bon de Sousa, director da Companhia Luabo, delegado de Quelimane—Ernesto Torre de Valle, negociante—Leão Cohen, presidente da Associação Commercial—Dr. Francisco Ferrão, secretario de negocios indigenas—Dr. Egas Moniz Coelho, delegado de Inhambane—Major Serrão, director das obras publicas.

CONSELHO DO GOVERNO DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

*(Fotografia de K. Muller)*

**Nuevos Amores** por Trindade Coelho.—*Traduccion del portugués y prólogo de Angel Guerra—Ilustraciones de Luiz Palao.* — Madrid.—1907.

Este volume que é o tomo 38.º da Biblioteca Patria, da capital do reino visinho, apresenta no frontispicio um bom retrato do prestante magistrado português, autor da obra e interpreta na versão com verdadeiro carinho as bellezas originaes dadas á estampa.

«Trindade Coelho»—escreve no prologo com inteira justiça o distinctissimo traductor espanhol—entre los cuentistas y noveladores contemporáneos, es el que con mejor fortuna, á mi entender, ha usado esa saludable sencillez de los grandes escritores clásicos.»


COUTO & VIANNA — ALFAYATES

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111 1.º (á P. Luiz de Camões) — Lisboa

Marcenaria 1.º de Dezembro

REIS COLLARES & C.ª

168, Rua da Rosa, 168—Lisboa

Telephone n.º 833

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Cambios e Papeis de credito

Vierling & C.ª, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46—1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

Endereço telegraphico—«STERLING»

NEGOCIOS

Trata-se em Lisboa de negocios de pessoas que estejam no Brazil, Africa ou qualquer terra do reino, garantindo-se toda a seriedade.
Para informações dirigir carta á

Empreza do «Occidente»

LISBOA

Casa Santos Camiseiro

E. Santos & Freire

24, 25, Praça de D. Pedro (Rocio, lado occidental), 24, 25 = 20, 22, Rua do Principe, 20, 22

LISBOA

SECÇÃO DE CAMISARIA

Camisaria — Variado sortimento de camisas, camisolas, punhos, collares de todas as qualidades e feitios.

Gravataria — Ultimas novidades em gravatas, mantas, cache-nez, cache-col e lenços de seda.

Luvaria — Luvas de fabrico nacional e inglezas para senhoras, homens e creanças.

Perfumaria — Tudo o que ha de mais fino em extractos, essencias, sobonetes, etc.

Além d'estes artigos que constituem a especialidade d'esta casa encontra-se sempre o mais completo sortimento roupas brancas para homens e senhoras, para cama e mesa: meias, lenços, edredons, bengalas e chapeus de chuva, etc.

EXECUTAM-SE ENXOVAES

DEPOSITO DAS AFAMADAS RENDAS DE PENICHE

Secção especial de Commissões, Consignações, Representação e commercio de Conta Propria de Vinhos, Azeites, Conservas e mais generos similares

Todos os artigos são escolhidos dos de melhor fabricação e fornecidos pelos preços do custo accrescidos sómente d'uma pequena commissão

Encarregam-se da collocação de fundos, recebimento de juros e dividendos e liquidação de quaesquer negocios commerciaes mediante modica commissão

VINHOS DE MESA: TINTO E BRANCO—PORTO, MADEIRA, COLLARES E AZEITES

DE PUREZA GARANTIDA E MARCAS ESPECIAES DA CASA

Esta secção está a cargo do socio Fernando Freire bastante conhecido no Rio de Janeiro onde esteve muitos annos